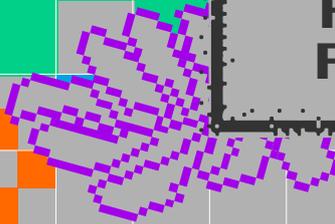


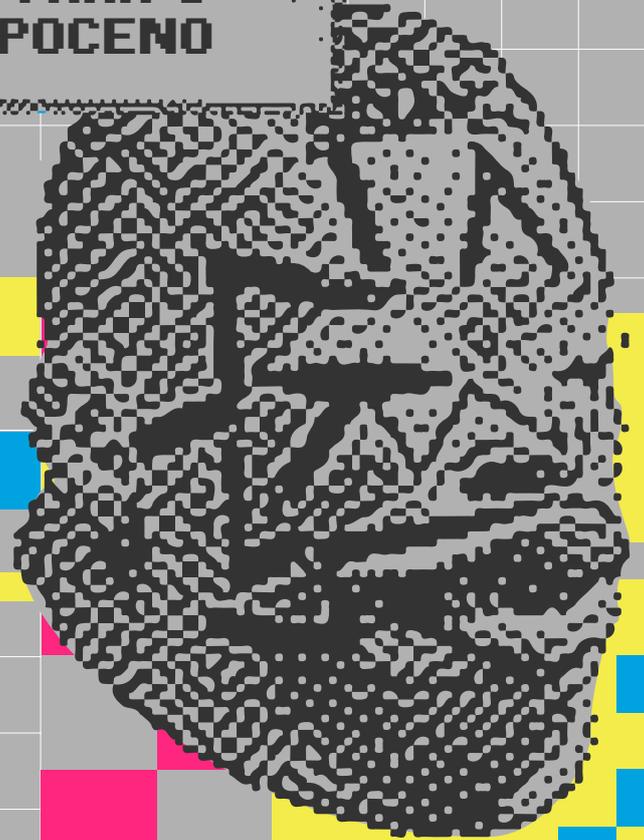
MFF\_FESTIVAL\_24

# CORPOS HIPER DIGITAIS



PROPOSTAS PARA O  
PÓS-ANTROPOCENO

SOBRE O FESTIVAL MFF 2024



# MANIFESTO CURATORIAL

[Chegaste ao fim da era humana. O teu tempo acabou.]

Tal como um acontecimento profético, à medida que os factos sucedem à ficção, as projeções distópicas do futuro materializam-se diante dos teus olhos nas notícias diárias e blogs, apenas para voltarem às telas digitais sob a forma de simulações algorítmicas geradas por múltiplas inteligências artificiais. Mais cedo do que pensas, “estarás” rodeado por humanoides com aparência real, a tentar descobrir como controlar as máquinas autónomas e autogovernadas, apenas para perceberes que, na verdade, como na ficção, já vivemos este momento antes. Como um *déjà vu*. A fronteira entre a natureza e a tecnologia torna-se cada vez mais ténue, com chips de silício, transístores, unidades de processamento e dispositivos de armazenamento cada vez mais pequenos, mais translúcidos, e o ritmo do desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado.

Impulsionados pela noção de progresso, crescimento e desenvolvimento, o que nos leva para a frente é frequentemente o que também nos mantém presos. Os defensores do movimento do decrescimento criticam o conceito de crescimento económico como medida de desenvolvimento humano e económico, argumentando que a expansão económica e demográfica perpétua é incompatível com a finitude dos recursos materiais da Terra. Por outro lado, os aceleracionistas propõem um cenário especulativo no qual, ao reconhecerem o estado do capitalismo tardio (esse comboio bala em aceleração exponencial), defendem que a tecnologia deve ser ainda mais acelerada e intensificada, favorecendo a automação total e uma maior fusão entre o digital e o humano, reconhecendo isto como a única alternativa ao status quo. Quem pode dizer se a direção é mais importante do que a velocidade?

Os 1,4 mil milhões de habitantes da África (e a crescer) dependem dos recursos naturais do continente, como a água doce e as florestas abundantes, também para empregos ligados à conservação e ao turismo. No entanto, ainda enfrentamos um futuro incerto e que se aproxima rapidamente. A África alberga algumas das maiores e mais intocadas paisagens naturais e áreas de vida selvagem do mundo, que estão a ser cada vez mais perdidas para a agricultura, desflorestação, pecuária, mineração, abate de árvores e outras formas de desenvolvimento capitalista. As pressões antropogénicas só devem intensificar-se, com estimativas que apontam para uma população de 4 mil milhões até 2100, crescendo a uma taxa três vezes superior à média global. Enquanto as soluções para os problemas sociais e ambientais do continente são geradas noutros locais (seguindo o capital e o poder político), os responsáveis por moldar as agendas de preservação social, ambiental e cultural geralmente não têm uma compreensão genuína do contexto local, salientando o papel crucial de África na construção do seu próprio futuro. Nestes cenários nebulosos, temos tanto um desafio quanto uma oportunidade.

O presente é tenso, assombrado pelos problemas do passado e permeado pela ansiedade do que está por vir, pela promessa ou pela queda do amanhã, enquanto nos movemos de raízes, para rotas, para rotundas. O conceito de Tempo Profundo refere-se à escala temporal dos eventos geológicos, que é vastamente, quase inimaginavelmente, maior do que a escala temporal das vidas e planos humanos. Se concebêssemos os tempos como descontínuos e cíclicos, correndo em paralelo e simultaneamente, sempre em diálogo - o presente como a incorporação do passado e do futuro, o futuro como pertencente ao passado, e o passado como pertencente ao futuro - reformularíamos as noções de passado e futuro como pontos de referência para ações no presente, rumo à cura individual, social e planetária.

Neste ponto da jornada, um sentido de urgência une a humanidade, dado o estado precário do mundo, da sociedade e do ser individual. Precisamos de tempo. Tempo para descansar. Tempo para respirar. Tempo para pensar. Tempo para curar. No

entanto, esse tempo está cada vez mais escasso, enquanto a demanda por mais tempo aumenta, exigindo novos quadros, novas correntes de pensamento e a contestação de formatos fossilizados, permitindo o renascimento de outras formas de conhecimento, na procura de um terreno comum.

Embora rejeitemos o absolutismo do Antropoceno, com estas propostas para o pós-Antropoceno, embarcamos num retorno à hipótese, abrindo caminhos e explorando estímulos especulativos para reflexão e subsequente ação (descentralizada). Este é o momento para a reinvenção, de formas e formatos, um tempo de renovação e regeneração, dentro de nós mesmos e entre nós, conscientes de que “estamos” nisto juntos, embora “não sejamos” todos iguais, mas juntos somos capazes de celebrar a diferença (em coexistência) e a solidariedade (sempre texturizada pelo protesto). Agora é o momento de mergulhar nas profundezas do conhecimento, traçando novos e reinventados vetores de significado (libertando-nos de preconceitos) e de cura (do trauma e do medo), permitindo o remapeamento e a reconfiguração de localidades e temporalidades. Permitir uma verdadeira rede interligada de corpos individuais, sociais e planetários a funcionar como um só.

**Inovação significa mudança. Amanhã, poderá significar algo diferente.**

[Headset removido. A sair do modo de hiper-realidade. “- Como foi?” “- Acabei de morrer. Achei que tudo era real.”]



## João Roxo

Curador

Designer e estratega visual moçambicano, João Roxo é cofundador, diretor criativo e visionário na Anima Estúdio Criativo uma agência de comunicação pioneira comprometida em gerar impacto real nos setores do desenvolvimento social, conservação ambiental e indústrias criativas. Utilizando o design, cinema e novos media, a Anima distingue-se por desenvolver trabalhos específicos ao contexto, procurando integrar estas ferramentas de formas não convencionais e eficazes.

João estudou em Portugal e nos Países Baixos, onde obteve o seu mestrado em artes plásticas no Instituto Sandberg. Durante os seus estudos, a prática do design sempre teve um carácter integrativo e holístico, proporcionando a base perfeita para interagir com outras áreas distintas, permitindo a interdisciplinaridade e o uso de meios diversificados.

“Os Informais” é um universo de banda desenhada originalmente idealizado por João, onde trabalhadores de mercados informais se tornam vigilantes que protegem valores tradicionais num futuro não tão distante.

“Thirdspace” é um projeto colaborativo que visa investigar expressões de design especulativo do Sul Global, envolvendo pensadores de múltiplos campos dentro do continente africano.

“Muave” é uma experiência audiovisual, onde João trabalha com vídeo e luz em resposta à música eletrónica.

Através da sua própria prática artística; desenhando para media editorial, cinematográfica ou digital; ou em empreendimentos colaborativos, João participou em exposições, workshops e conferências em Maputo, Durban, Lisboa, Paris, Ramallah, Berlim, Havana, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Durban, Amesterdão, Istambul, Reunião, Lubumbashi, entre outras geografias.

# DICIONÁRIO DO MAPUTO FAST FORWARD FESTIVAL\_24

Conheces o conceito do Antropoceno e porque ele pode ser importante para ti?

## ERA\_DO\_ANTROPOCENO

O conceito de Antropoceno, popularizado por Paul Crutzen no início dos anos 2000, defendido por diferentes cientistas, tem como tese central, a compreensão de que a “humanidade” afectou e está a afectar em escala planetária processos biofísicos, deixando um novo registo geológico.

A “Era do Antropoceno”, refere-se então ao actual período geológico mas também civilizatório, caracterizado pelo impacto profundo e devastador das actividades humanas na Terra e nos sistemas ecológicos. As mudanças climáticas, a extinção em massa de espécies e a degradação ambiental são consequências directas de ações humanas, principalmente os modelos dominantes de industrialização, urbanização e o uso excessivo dos recursos naturais.

O conceito também está profundamente ligado ao antropocentrismo, a visão que coloca os seres humanos no centro, controlando, e moldando o planeta a seu favor, em detrimento e à custa dos outros seres vivos e dos ecossistemas. O Antropoceno, é conceito que busca chamar a “humanidade” à sua responsabilidade sobre a forma como se relaciona com o seu meio, e o seu papel que pode ser destrutivo ou restaurador.

## PERSPECTIVAS SOBRE\_O\_ANTROPOCENO

“Humanidade” aparece com aspas, pois uma das grandes críticas ao conceito de Antropoceno, é que esta referência genérica aos seres humanos, perde de vista as várias desigualdades de poder a nível global, incluindo de raça e género. Nem todas as sociedades participaram de igual modo, ou contribuíram da mesma forma para a crise ecológica actual.

E neste contexto, surgiram alguns conceitos alternativos ao Antropoceno:

### CAPIToloceno

Proposto por teóricos como Jason W. Moore, o Capitoloceno critica o foco do Antropoceno na humanidade como um todo e destaca o papel central do Capitalismo como força geológica. Esse conceito argumenta que não são todos os humanos que causaram os danos ao planeta, mas o sistema capitalista, que privilegia a exploração

desenfreada dos recursos naturais, o consumo excessivo e a desigualdade. O Capitoloceno, então, coloca a origem das crises ecológicas nas dinâmicas históricas do capitalismo, colonialismo e industrialização.

### PLANTATIONOCENO

O Plantationoceno foca na história da colonização e da monocultura em grande escala (como nas plantações coloniais), mostrando como essas práticas de exploração sistemática de terras e corpos humanos – principalmente de povos escravizados – tiveram efeitos devastadores no planeta. Este conceito sublinha que a devastação ecológica está enraizada nas lógicas de controle e exploração racial e colonial, além de mostrar como as relações de dominação sobre a terra e o trabalho humano criaram paisagens degradadas que ainda influenciam o planeta.

### CHTHULUCENO

Proposto por Donna Haraway, o Chthuluceno oferece uma alternativa ao Antropoceno, colocando ênfase nas interconexões entre espécies, tecnologias e o planeta. O termo “Chthuluceno” deriva de “chthonic” (subterrâneo), sugerindo uma visão que valoriza as relações profundas e tecidas entre seres humanos e não-humanos. Haraway propõe este conceito como um caminho para uma lógica de cooperação multiespécie e regeneração, em oposição à lógica de dominação e exploração do Antropoceno.

## PORQUÊ\_CORPOS\_HIPERLIGADOS?

O hyperlink ou “hiperligação” é o elemento digital que conecta uma parte de um documento (como texto, imagem ou botão) a outra parte do mesmo documento ou a um documento diferente, que pode estar em um local distinto na internet ou em um sistema de arquivos. É o que permite a estrutura interconectada da web. Usando esta analogia, a ideia de “corpos hiperligados” reflecte a interconexão profunda entre humanos, não-humanos e o planeta, e as diferentes dimensões da vida, destacando os impactos das nossas ações coletivas, ao mesmo tempo que pretende chamar atenção para a nossa alienação no contexto do digital e das redes virtuais.

## CONFERÊNCIAS

Colocando, Maputo-Moçambique-África nas discussões globais contemporâneas, esta conferência surge como um espaço para sonhar, reimaginar e propor outras formas de relação com o Planeta e entre todos os que o co-habitam, em resposta às múltiplas crises planetárias que marcam a actual Era do Antropoceno. Apesar da nossa curta presença na Terra, o impacto que já deixamos é profundo e com marcas devastadoras, que nos colocam diante da necessidade de conceber outras formas de ser e estar para co-criar futuros ecologicamente saudáveis e socialmente e economicamente justos.

A conferência é guiada por dois princípios importantes:

O primeiro é a necessidade urgente de reaprender a escutar – escutar o planeta, escutarmo-nos uns aos outros, aos nossos próprios corpos e ao nosso passado, para construir futuros alternativos ao modo civilizatório dominante, que tem se mostrado destrutivo e gerador de profundas desigualdades.. O segundo princípio, é o de interconexão ou hiperligação, usando como analogia o conceito digital de hyperlink, que permite que textos, imagens e outras informações estejam interligadas, formando uma rede de conexões, para reflectir a interconexão profunda entre humanos, não-humanos e o planeta, e as diferentes dimensões da vida, destacando os impactos das nossas acções colectivas.

Teremos cinco conversas, ou painéis, com vozes de diversas disciplinas e áreas de actuação, desde artistas, activistas, ecólogos, cientistas políticos, entre outras vozes, de diferentes cantos: Moçambique, África de Sul, Eswatini, Camarões, Sudão do Sul, Costa do Marfim, Espanha/Portugal, Holanda/México e Brasil. Os painéis temáticos irão trazer de forma transversal perspectivas decoloniais, pan-Africanas e feministas, buscando reflectir em torno das seguintes grandes interrogações:

**Como podemos, no auge do nosso antropocentrismo e colapso ecológico, parar e escutar o que a Terra quer nos dizer? Como podemos, num espaço de profunda polarização social e política, crise democrática e conflitos devastadores, ouvir uns aos outros? Como podemos escutar nossos próprios corpos, muitas vezes exaustos, ou colados às telas em meio à hiperdigitalização e à persistente desigualdade? E se o “futuro é ancestral”, como podemos ouvir o que nossas Histórias e Ancestralidades têm para nos ensinar?**

**Esta conferência é um convite para romper com a surdez arrogante do absolutismo do Antropoceno. É um convite para escutar profundamente nossos corpos interconectados: Corpo-Planeta, Corpo-Social, Corpo-Humano e Corpo-Tempo.. Escutar como ponto de partida para redescobrir, abrir e impulsionar caminhos, práticas e propostas para os nossos futuros colectivos, reconhecendo e nutrindo nossa interdependência, e a transição de uma lógica de consumismo, dominação, degradação e ultra-exploração da Terra e violação de corpos tornados descartáveis, para lógicas regenerativas e curativas que reafirmam a coexistência e a pluralidade da Vida, onde a vida em todas as suas formas seja respeitada e valorizada.**



### Tassiana Tomé

Curadora da conferencia internacional

Tassiana Tomé é socióloga e antropóloga moçambicana. Trabalha na coordenação de programas para a melhoria de políticas públicas nas áreas de Educação, Democracia e Direitos das Mulheres. É pesquisadora feminista e decolonial, com foco em educação, justiça epistémica, democratização, paz, feminismos e género no continente africano, e especialmente em Moçambique. É Co-fundadora do Mukadzi - Colaboratório Feminista, um colectivo de mulheres cientistas sociais e empresa social dedicada ao conhecimento e inovação para igualdade de género. Actualmente, é directora do programa AGE - Avançando a Educação das Raparigas, no CESC. Possui mestrado em Estudos de Desenvolvimento e Globalização pelo SOAS, Universidade de Londres. Escreve e canta, com poemas publicados em antologias e músicas disponíveis em plataformas digitais.

## “Como escutar o Planeta?” Propostas para o Pós-Antropoceno

**“A escuta tem a ver com a passagem do modo de consumir, de dispor da Terra e dos mundos, para o tornar-se ou estar à disposição da Terra e dos seus mundos.”. “É uma passagem daquele que possui a Terra, para aquele que se lembra do seu corpo como Terra, daquele que consome o outro para aquele que hospeda o outro para nos tornarmos nós próprios, daquele que pensa apenas o seu presente como real para aquele que se lembra do nós ancestral”. Rolando Vazquez, *Vistas da Modernidade: A aesthesis decolonial e o fim do contemporâneo*, 2021.**

**“O conceito de cidadania planetária tem a ver com a consciência, cada vez mais necessária de que, assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Não estamos no mundo; viemos do mundo. A Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço e o mesmo destino.” – Instituto Paulo Freire**

### ORADORES

#### Achille Mbembe



Achille Mbembe (Camarões) é professor na WISER, fundador Fundação de Inovação para a Democracia. Doutor em História pela Sorbonne, em Paris, em 1989, e um D.E.A. em Ciência Política no Institut d'Études Politiques (Paris). Foi Professor Assistente de História na Universidade de Columbia, em Nova Iorque (1988-1991), Investigador Sênior no Brookings Institute, em Washington, D.C. (1991-1992), Professor Associado de História na Universidade da Pensilvânia (1992-1996) e Secretário Executivo do Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África (CODESRIA) em Dakar, Senegal (1996-2000). Também foi Professor Visitante na Universidade da Califórnia, Berkeley (2001), na Universidade de Yale (2003), na Universidade da Califórnia em Irvine (2004-2005), na Universidade Duke (2006-2011) e na Universidade de Harvard (2012).

É detentor de um Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Paris VIII (França) e pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Também ocupou a Cátedra Albert the Great na Universidade de Colónia (2019) e foi Professor Honorário no Jakob Fugger-Zentrum, Universidade de Augsburg (Alemanha). Recebeu vários prêmios, incluindo o Prémio Geschwister Scholl de 2015, o Prémio Gerda Henkel de 2018 e o Prémio Ernst Bloch de 2018, Prémio Holberg, 2024.

Co-fundador dos Ateliers de la pensée de Dakar e uma figura importante na emergência de uma nova onda de teoria crítica, tem uma obra extensa sobre política e filosofia contemporâneas, incluindo *On the Postcolony* (University of California Press, 2001), *Critique of Black Reason* (Duke University Press, 2016), *Necropolitics* (Duke University Press, 2019) e *Out of the Dark Night. Essays on Decolonization* (Columbia University Press, 2020), *A Comunidade Terrestre: Reflexões sobre a Última Utopia* (2022) entre outros.



## Patricia McFadden

Patricia McFadden (Eswatini) é uma Ecofeminista Radical que aspira a uma vida de Liberdade e Alegria. Ela vive em uma antiga montanha no leste do Eswatini, onde cultiva seus alimentos e ervas veganas orgânicas. Ela busca uma relação equilibrada e respeitosa com a Natureza, que abrange todos os seres sencientes, enquanto procura novos impulsos e percepções feministas a partir do seu estilo de vida ecofeminista. Algumas de suas publicações mais recentes são: "As Liberdades das Mulheres são o Pulsar do Futuro da África: um Imperativo Sankariano", em *A Certain Amount of Madness, the life, politics and legacies of Thomas Sankara*, Amber Murray (ed.) 2018; "Uma Conversa Feminista: Situando Nossas Ideias e Energias Radicais no Contexto Africano Contemporâneo" (com Patricia Twasima), Friedrich Ebert Stiftung, Moçambique; "Criticando Discursos Convencionais sobre Meninas e Identidades Femininas de Género na África", OXFAM, 2018; "Contemporaneidade: suficiência em uma Vida Feminista Radical Africana", na *Journal Meridians: feminism, race, transnationalism*, 2018; "O Nexo entre Neoliberalismo e Precariedade: Lutas por Sociedades Alternativas" (2022) FES Moçambique; "A Subjetividade é a Expressão Crítica Fundamental da Contemporaneidade Feminista" (publicação prevista para setembro de 2024).

RESUMO/ABSTRACT> Aprendendo a Amar a Terra: O Ecofeminismo é o Caminho de Volta à Natureza Através do Amor Próprio.

## Rolando Vázquez Melken



Rolando Vázquez (México/Holanda) é Professor de Teorias e Literaturas Pós-/Decoloniais na Faculdade de Humanidades da Universidade de Amsterdã. Desde 2010, co-dirige com Walter Dignolo a Escola de Verão Decolonial Maria Lugones. É membro do Van Abbemuseum em Eindhoven, conselheiro dos artistas residentes na Jan van Eyck Academie em Maastricht e na Rijksakademie em Amsterdã. Também atua como conselheiro para as Encomendas de Coleção 2024-25 no TextielMuseum em Tilburg. É autor de "Vistas of Modernity: Decolonial aesthetics and the End of the Contemporary" (Mondriaan Fund 2020).

RESUMO/ABSTRACT> Recordando a Terra e o Ritmo do Tempo

## MODERADORA

## Isabel Casimiro



Acadêmica feminista, docente da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde actuou no Centro de Estudos Africanos, CEA, entre 1980 e 2024, leccionando na mesma universidade cursos de graduação e pós-graduação. Fundou e coordenou o Departamento de Estudos da Mulher e Género entre 1990 e 2014 e o Departamento de Estudos de Desenvolvimento e Género entre 2015 e 2021. Doutorada (2008) e mestre (1999) em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, é licenciada em História pela Faculdade de Letras da UEM (1986). Co-fundadora de várias organizações de mulheres em Moçambique, incluindo o Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust (WLSA) em 1988 e a WLSA Moçambique em 1990, onde presidiu o Board entre 2015 e 2022, também foi co-fundadora e Presidente do Conselho de Direção do Fórum Mulher (1993-2000 e 2006-2015). Participou em várias redes de pesquisa académica em Moçambique e a nível internacional. Foi deputada da Assembleia da República (1995-1999), e presidiu o CODESRIA - Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África - entre 2018 e 2023. Coordenou o 14.º Congresso Mundos de Mulheres, realizado em Maputo de 19 a 23 de setembro de 2022. É autora e coautora de diversas publicações e tem como áreas de interesse os Direitos Humanos das Mulheres, Movimentos Sociais e Feministas, Democracia Participativa e Economia Solidária.

## CORPO-PLANETA: Do Extrativismo à Regeneração

“Separámo-nos do corpo da Terra. Divorciámo-nos dela, acreditando que podíamos viver por nossa conta. Com uma condição: extrair, dominar e explorar tudo o que vem de Gaia. Nós nos divorciámos desse organismo que nos abriga, mas estamos usurpando-o o tempo todo.” Krenak, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. 2019. O modelo antropocêntrico e eurocêntrico de sociedade que domina a nossa era tem permitido uma relação de consumo e depredação extrativista da Terra, gerando feridas no corpo Planeta que habitamos, que se manifestam na degradação e perda da biodiversidade, nas mudanças climáticas e nos desastres naturais cada vez mais frequentes e intensos, levando todos os seres vivos, inclusive a humanidade a um colapso ecológico. Transformámos o planeta num espaço cada vez mais inóspito à vida de outras espécies e seres vivos, ao mesmo tempo que tornamos claro o facto que parecemos esquecer: que somos, enquanto humanidade, seres interdependentes. Ao mesmo tempo, o empobrecimento da nossa biodiversidade está intimamente ligado ao empobrecimento da diversidade cultural e epistémica. Este painel propõe uma reflexão sobre os mecanismos históricos que nos levaram-nos a nos sep“desprender-nos” e a desligar-nos da Terra, resultando na multiplicidade de desafios planetários que enfrentamos, com reflexões sobre o extractivismo desenfreado e o seu impacto no ecossistema, e a ligação com as desigualdades sociais e económicas. Este painel pretende desvendar possibilidades de caminhos político-económicos e artísticos que possam alimentar formas regenerativas e curativas de relacionamento com a Terra. Serão explorados conceitos como alternativas ao desenvolvimento, s economias regenerativas, as energias alternativas, a bioarquitectura, as artes e o design ecocêntricos. Além disso, o papel da tecnologia, da inteligência artificial e a importância de outros sistemas de conhecimento/epistemologias, bem como as perspectivas dos movimentos activistas para a justiça ecológica, serão também elementos desta conversa interdisciplinar.

**Palavras Chave:** Antropoceno, Extrativismo, Biodiversidade, Regeneração, Ecologia, Alternativas de Desenvolvimento

### ORADORES

#### Eliana N`Zualo



Eliana N`Zualo é uma contadora de histórias moçambicana. É movida pelo seu compromisso com princípios e práticas feministas Africanas. Vive em Maputo, mas o seu trabalho cria impacto por todo o continente. Actualmente lidera o programa de Educação Popular Panafricana na WoMin. WoMin: é uma aliança ecofeminista pan-africana que trabalha com organizações de mulheres, camponesas e comunidades afectadas por desenvolvimentos extractivos, apoiando a construção de movimentos e a solidariedade das mulheres.

RESUMO/ABSTRACT> Por alternativas africanas ecofeministas ao desenvolvimento

#### Ruy Llera Blanes



Ruy Llera Blanes é um antropólogo espanhol baseado em Lisboa (ISCTE-IUL, CRIA, In2Past), que realizou pesquisas a longo prazo em Angola e, mais recentemente, em Moçambique, abordando temas que vão desde religião a memória, temporalidade e património, paisagem e ambiente, direitos humanos e ativismo político. Recentemente, viajou para Cabo Delgado para investigar o impacto dos projetos extrativistas na região. É autor dos livros *A Trajetória Profética* (2014, Berghahn Books) e *A Revolução Angolana no Século XXI* (2023, Tinta-da-china).

RESUMO/ABSTRACT> O Desejo de Donsa: Uma Reflexão sobre as Relações Dentro e Além da Era Extrativista de Cabo Delgado

## Elisângela Rassul



Elisângela Rassul é uma pensadora sistêmica comprometida em empoderar pessoas e comunidades como agentes de mudança para transformarem seus territórios e bioregiões. Fundadora da KOSMOZ Catalisadora da Sustentabilidade e da KOSMOZ Plataforma de Desenvolvimento Humano, recebeu o Prêmio Internacional Book for Peace pelo impacto de seu trabalho. Elisângela é ecóloga e mestre em Sustentabilidade e faz parte do conselho de direção da Rede Global das Ecovilas para África. Com uma abordagem holística, Elisângela trabalha na interseção entre sustentabilidade, espiritualidade, desenvolvimento humano e bem-estar. É uma voz ativa em diálogos globais sobre mudanças climáticas e desenvolvimento regenerativo. Sua paixão é capacitar comunidades locais e promover a coevolução consciente, integrando sistemas de valores e práticas regenerativas em escalas local e global, restaurando a teia da vida e a evolução da consciência.

RESUMO/ABSTRACT> Uma Abordagem Integral: da Sustentabilidade à Regeneração

## Anabela Lemos



Anabela Lemos é uma activista por justiça ambiental há mais de 30 anos. Recebeu o Prémio Moçambicano do Ambiente em 2005, e recebeu o prémio internacional do governo Sueco Per Anger em 2022, pela sua luta em defesa do ambiente e dos direitos humanos, e mais recentemente em 2024 foi prestigiada com o prémio internacional Right Livelihood pelo seu trabalho. Anabela é membro fundadora da JAI/Justiça Ambiental, criada em 2004, e é directora do Conselho de Direcção desde então. Anabela faz parte do Conselho Executivo da Amigos da Terra Internacional.

TRABALHO DE PESQUISA> Do capitalismo fóssil ao ubuntu

## MODERADORA

## Katia Taela



Kátia Kristina Pereira Taela é uma antropóloga moçambicana com um Mestrado em Gestão de Desastres e Desenvolvimento Sustentável, um Mestrado em Género e Desenvolvimento e um Doutoramento em Estudos de Desenvolvimento. Possui mais de 20 anos de experiência no setor do desenvolvimento, trabalhando como investigadora independente e consultora de avaliação, colaborando com várias organizações internacionais e nacionais, governamentais e não-governamentais em Moçambique. A sua especialização temática centra-se nos direitos das mulheres e em expressões alternativas da voz cidadã. Liderou vários projetos de investigação em Moçambique nessas áreas. Kátia é associada honorária do Instituto de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Sussex, no Reino Unido, e associada da Gender@Work, uma rede internacional de conhecimento feminista.

## CORPO-SOCIAL: Democracias em Reinvenção

*“A própria democracia terá de ser reinventada na era das crises à escala planetária.” “Precisamos de uma nova geração de direitos que não dependam do Estado-nação.” Achille Mbembe, Noema Magazine, 2022.*

Nos últimos anos, temos assistido a um aumento significativo dos conflitos armados, genocídios e violência extremista à escala global, ao mesmo tempo que observamos uma intensificação da polarização política e uma profunda crise da democracia, alimentada na era digital por bots de ódio nas redes sociais, reforçando a perspectiva antagónica do “Nós” contra os “Outros”, que assume contornos raciais e de género. A morte é mais prevalente para determinados grupos, evidenciando a necropolítica e as desigualdades estruturais de poder que moldam a configuração dos conflitos actuais. Ao mesmo tempo, devido à proliferação das guerras e à intensificação das alterações climáticas, assiste-se a deslocamentos massivos e a migrações forçadas, colocando a “crise dos refugiados” como uma das principais questões do nosso tempo, levantando questões sobre identidades, pertença e fronteiras. Este painel examina criticamente a democracia e os caminhos para a paz no contexto dos conflitos globais, da indústria da violência, da dinâmica da migração e dos debates sobre identidade, pertença e fronteiras. Estas questões prementes exigem uma profunda reconsideração dos actuais sistemas democráticos, tanto a nível global como, em particular, em África. O debate explora formas alternativas de democracia, tais como a democracia substantiva e viva, como respostas a uma multiplicidade de desafios planetários que contestam os quadros políticos dominantes.

**Palavras Chave:** Democracia, Democracia Substantiva, Alternativas, Conflitos e Paz, Deslocamentos, Migração

### ORADORES

#### Marie Boka



Marie Boka (Costa do Marfim) é doutora em Ciência Política, com especialização em Relações Internacionais, da Universidade de Paris-Est Créteil. Professora Associada da Universidade Félix Houphouët Boigny d'Abidjan e Directora do Departamento de Ciência Política. Dois dos seus artigos recentes são sobre as Fintechs e a Inclusão financeira das mulheres da Costa do Marfim e sobre a contestação do Franco CFA na África Ocidental.

RESUMO/ABSTRACT> O agir democrático, um agir emocional com o que é vivo: Reflexões acerca das práticas de participação para uma democracia substantiva.

#### Kamina Diallo



Kamina Diallo é uma especialista em género e segurança, com doutorado em ciências políticas. Com mais de nove anos de experiência em pesquisa, ensino e consultoria estratégica, ela se especializa em questões de género, governança e segurança na África. Atualmente, é Representante da Sciences Po na África Ocidental, e se compromete ativamente a promover uma educação mais inclusiva em todo o continente. Ela lecionou em várias instituições prestigiosas na França, Senegal, Costa do Marfim e Egito. Seu percurso académico é marcado por numerosos artigos e pela participação em colóquios internacionais, ressaltando seu papel de liderança no campo de género e desenvolvimento no continente.

RESUMO/ABSTRACT> Género, classe, idade: identidades (ex)combatentes em conflito pela reinvenção da democracia



### **Aristide Bitouga**

Bernard Aristide Bitouga é um antropólogo camaronês com um doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universidade de Yaoundé. É pesquisador e professor no Departamento de Antropologia da Universidade de Douala, onde explora temas relacionados aos Povos Indígenas, saberes locais, gestão de conflitos, desenvolvimento local, identidades culturais e políticas públicas. É membro de várias sociedades acadêmicas, incluindo a Sociedade dos Africanistas e a Sociedade Internacional de Pesquisa de Caçadores e Coletores (ISGHR). Ele também ocupa cargos de liderança como Diretor Executivo do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa sobre os Povos Indígenas Florestais da África Central e Presidente da Rede Internacional de Pesquisadores Africanistas sobre os Povos Indígenas da África Central.



### **João Feijó**

João Feijó é sociólogo e Doutor em Estudos Africanos. Tem publicado sobre identidades e representações sociais, relações laborais, migrações, impactos de grandes projectos sobre populações rurais, assim como as dinâmicas do conflito militar em Cabo Delgado. É investigador principal do OMR onde coordena a linha de pesquisa sobre Pobreza, Desigualdades e Conflitos.

**RESUMO/ABSTRACT>** Crescimento populacional, exclusão social e whaithood: que impactos terão na consolidação da Democracia em Moçambique?



### **Annick Adopo Koffi**

Annick Marie-Dominique Adopo Koffi, é Mestre-Assistente e Professora-Investigadora de Ciências Jurídicas, Administrativas e Políticas da Universidade Félix Houphouët-Boigny de Abidjan Cocody, Costa do Marfim. Especializada em Direito Público, leciona Direito Constitucional e Direito Internacional Público, com um foco particular no estudo do Estado como construção social, jurídica e política. É também apaixonada pela leitura e pela descoberta do mundo exterior, sendo reconhecida pelo seu cuidado com os outros, motivo pelo qual é carinhosamente chamada de “Mãe Annick” por colegas e estudantes. **Resumo/Abstract:** A soberania popular: que conteúdo hoje em dia em África?

**RESUMO/ABSTRACT>** A soberania popular: que conteúdo hoje em dia em África?

### **MODERADORA**



### **Fidelia Chemane**

Fidélia Chemane é uma especialista em governança e direitos das mulheres com 20 anos de experiência em desenvolvimento rural e urbano. Ao longo de sua carreira, tem atuado em organizações não governamentais internacionais, como Handicap International, OXFAM e CAFOD, e liderou programas significativos como o DIALOGO do DFID, que fortaleceu a comunicação entre governo e cidadãos, especialmente mulheres e jovens. Como gestora do programa da OXFAM sobre direitos das mulheres, e directora do Programa Voz e Liderança das Mulheres em Moçambique (ALIADÁS), contribuiu para a formação e apoio de colectivos de mulheres e a aprovação de legislações cruciais, Fidelia é membro ativo de várias organizações da sociedade civil, onde se dedica à reflexão e ação em questões de governança e desenvolvimento, além de ser parte do Conselho da Fundação para o Desenvolvimento Comunitário e do Southern Africa Resource Watch.

## CORPO-HUMANO: Ser na era digital

Na era do Antropoceno, a desconexão com a Terra também parece reflectir-se na desconexão com os nossos próprios corpos, e entre nós. Ao mesmo tempo que o neoliberalismo digital transforma nossos corpos em dados para consumo e demanda cada vez mais da nossa atenção para as telas, as relações humanas são drasticamente transformadas pela “hiper-realidade” digital. Simultaneamente a precariedade no trabalho alimenta uma sociedade de corpos exaustos e privados de tempo, fragilizando a qualidade das relações humanas. Neste painel, são exploradas diferentes práticas de reconexão com os nossos corpos, e a intersecção entre saúde, práticas de cura e cuidado, arte, tecnologia e mídia na construção da relação com nossos corpos e as interações humanas, cada vez mais dominadas pela tecnologia digital.

**Palavras Chave:** Cura, Saúde, Corpo e Tecnologias; Relações; Digital, Arte

### ORADORES

#### Cebolenkosi Zuma



Cebolenkosi S. Zuma (O Herbalista Dançante), nascido em Pietermaritzburg, África do Sul, formou-se na Universidade da Cidade do Cabo (UCT) em 2015 com um Diploma em Educação em Dança, um grau de Honras em Teatro e Dança Aplicada em 2021 e faz o seu Mestrado em Música na mesma universidade. Treinado em diversas danças indígenas africanas, ele combina essas raízes com conhecimentos em dança contemporânea ocidental e africana. O seu trabalho explora a disseminação do conhecimento através da música folclórica africana e das estéticas da dança tradicional, interpretando música e dança como escolas de pensamento indígenas. Cebolenkosi foi professor prático de Dança Africana na UCT e artista residente no departamento de Música Africana, onde co-coreografou e actuou com a Orquestra Ibuyambo. Participou de um programa de intercâmbio de dança no Senegal, co-criou um curta-metragem apresentado no Festival de Dança de Estocolmo e destacou-se no Vuyani Dance Theatre. Co-fundou o Kwasukasukela Arts Collective e apresentou o seu trabalho “Umsamo” em vários festivais, colaborando com artistas de renome e, mais recentemente, tem estado em digressão com “Samson” de Brett Bailey pela Europa.

**RESUMO/ABSTRACT>** Umuntu Ngumuntu Ngabantu: Um estudo sobre um renascimento coletivo através do Ngoma.

#### Maria Askew



Maria Askew é uma atriz, facilitadora e educadora premiada. Ela é responsável pelo mestrado em Teatro para Comunidade e Educação na Mountview Academy of Theatre Arts em Londres. Além disso, Maria desenvolve programas para uma variedade de organizações, incluindo Clod Ensemble e 64 Million Artists. Ela trabalha internacionalmente com organizações e grupos de diversos sectores, incluindo jovens, pessoas deslocadas, profissionais de saúde, académicos, artistas e ONGs. Ela já realizou projetos educacionais com jovens na Colômbia e na República Dominicana. Foi pesquisadora sobre a América Latina para a Al Jazeera. Formada na Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq em Paris e possui um mestrado em Política Internacional pela SOAS University. Ela também tem um diploma em Estudos de Teatro e Performance pela Universidade de Warwick. A pesquisa de Maria explora as intersecções entre transformação artística, educacional, política e social.

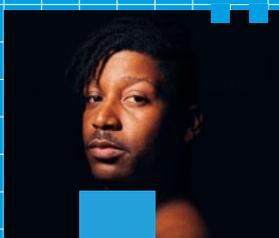
**RESUMO/ABSTRACT>** Navegando na Matrix: Teatro, Ritual e Práticas de Representação para a Saúde Comunitária



## Anyieth D'Awol

Anyieth D'Awol é uma advogada de direitos humanos do Sudão do Sul e fundadora do Projeto ROOTS, que capacita mulheres em situação de desvantagem através da arte e das artesanato tradicionais, promovendo relacionamentos inter-étnicos e independência econômica. Ela também é membro do corpo docente do Center for Mind Body Medicine, onde realiza oficinas de cura de traumas em todo o mundo, com foco na autoconsciência e resiliência. Com mais de duas décadas de experiência em direitos humanos, Anyieth trabalhou para as Nações Unidas e contribuiu para reformas políticas no Sudão do Sul pós-conflito, defendendo a paz, a justiça e o apoio à saúde mental para comunidades traumatizadas.

**RESUMO/ABSTRACT** > Cura para o Pós-Antropoceno: Medicina Corpo-Mente, Relações Sustentáveis e Tempos Digitais



## Yuck Miranda

Yuck Miranda (ele/eles nascido em 1993) é um ator, performer e ativista moçambicano, conhecido pelo seu trabalho em cinema, TV, teatro, música e dança. Foca-se nos direitos LGBTQ+, igualdade de gênero e direitos das crianças, utilizando a sua experiência versátil em movimento e narração de histórias. Yuck colaborou com importantes companhias de teatro e dança em África, Europa, Ásia e América do Sul, mantendo-se profundamente ligado à comunidade artística de Moçambique. Entre as suas conquistas, destacam-se a residência Visa Pour La Création (2019), o Prémio Prince Claus Seed (2021) e uma residência de pesquisa Pro-Helvetia (2023). O seu projeto atual, Non-Identified Identities, explora narrativas queer pré-coloniais e pós-coloniais em África.



## MODERADORA

## Benilde Matsinhe

Benilde Matsinhe é jornalista, gestora cultural e advoga pelos direitos da mulher e da rapariga. Trabalha na área de comunicação para a mudança social e comportamental com o foco no gênero, saúde e estudos culturais. Nos últimos anos tem desenvolvido pesquisas na área de análise discursiva em diferentes vertentes. Possui mestrado em Jornalismo e Mídias Digitais. Fundadora da Lissangu uma agência de gestão artística e criação de sinergias pan-africana entre artistas. Desde 2004, iniciou um ciclo de debates sobre corporeidade feminina nos palcos.

## CORPO-TEMPO: Memórias e Sonhos

**A imaginação, a arte, a ficção especulativa e a produção cultural são ferramentas essenciais para imaginar futuros alternativos e tecer identidades e sonhos colectivos. Fundamentado num entendimento do tempo como circular, onde passado, presente e futuro se alimentam mutuamente e dialogam, este painel pretende servir de espaço para reaprendermos as nossas Histórias, Memórias e Ancestralidades plurais, como pontes para atravessar para uma era pós-Ântropoceno.**

**Palavras-chave:** Património, Arquivo, Memórias, Identidades e Histórias; Passado/ Futuros Ancestrais; Ficção; Especulativo; Afrofuturismos

### ORADORES

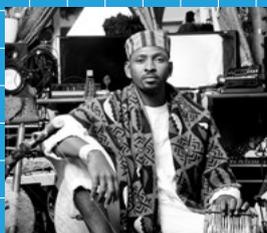
#### Bhavisha Panchia



Bhavisha Panchia é curadora e escritora de arte contemporânea. O seu trabalho curatorial centra-se na significação social, cultural e ideológica do som e da música na cultura contemporânea. Com interesse na relação dos meios auditivos com paradigmas geopolíticos, discursos anti/pós-coloniais e histórias imperiais, ela considera como podemos ouvir criticamente o passado para avançarmos no futuro. É fundadora da Nothing to Commit Records, uma editora e plataforma de publicação dedicada à produção e expansão de conhecimento relacionado à arte contemporânea e ao som no e através do Sul Global. Bhavisha já curou programas e exposições tanto a nível local quanto internacional, incluindo *Sounding a Black Grammar* (Nova Iorque, 2023), *Sounding the Void, Imaging the Orchestra V.1*, A4 Arts Foundation (2019), *'32: The Rescore*, Sharjah Art Foundation (2019), *For the Record*, ifa-Galerie Berlin (2018); *writing for the eye, writing for the ear*, Centre for the Less Good Idea (2018); e *Buried in the Mix*, MEWO Kunsthalle (2017). Panchia licenciatura em Belas Artes, mestrado em História da Arte pela Universidade de Witwatersrand, Prática Curatorial pelo Center for Curatorial Studies do Bard College, Nova Iorque, e um doutoramento em História da Arte pela Rhodes University, Makhanda.

RESUMO/ABSTRACT> Escutar com o terceiro ouvido

#### Nkosenathi Koela



Nkosenathi Ernie Koela (@Mntana\_WeXhwele) é um Curandeiro Iniciado e candidato a PhD, especializado em terapias musicais indígenas na Universidade de Cape Town. A prática transdisciplinar de Koela abrange ser um médium sonoro indígena africano, artista, especialista e professor. Como fabricante de instrumentos e multi-instrumentista, Koela explora como as práticas de cura através do som criam um espaço que se manifesta espiritualmente e materialmente.

Mais informações no seu site: [umnombo-institute.com](http://umnombo-institute.com)

RESUMO/ABSTRACT> Consciência Ngoma



## Molemo Moiloa

Molemo Moiloa está baseada em Joanesburgo. Ela trabalha em várias funções na intersecção entre prática criativa e organização comunitária. Atualmente, actua em temas relacionados à ingovernabilidade, infraestruturas sociais de organização cultural e relações com a natureza. Ela faz parte da colaboração artística MADEYOULOOK. Molemo co-lidera o projecto Open Restitution África sob os auspícios da Andani.Africa. Ela também co-lidera o ungovernable, um experimento em práticas comunitárias e ingovernabilidade.

RESUMO/ABSTRACT> Tempo na prática de jardinagem urbana negra



## MODERADOR

### Marílio Wane

Marílio Wane (Moçambique) é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (Brasil, 2004) e Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (Brasil, 2010). Desde 2007, atua como pesquisador em Etnomusicologia no ARPAC-Instituto de Investigação Sócio-Cultural, ligado ao Ministério da Cultura e Turismo de Moçambique, com vasta experiência em pesquisa de campo. Tem desenvolvido diversas atividades no âmbito da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível da Unesco, em Moçambique e em outros países. Atualmente, é Doutorando em Ciências Musicais (Etnomusicologia) na Universidade Nova de Lisboa e, desde 2018, atua como representante nacional do ICTM - International Council for Traditional Music em Moçambique.

RESUMO/ABSTRACT> Identidades e Sonhos Coletivos: o potencial subversivo do património cultural imaterial em Moçambique

## EXPOSIÇÕES

# NEW NARRATIVES

New Narratives irá explorar a narração de histórias através de novos media e XR. Permitirá que o público e a comunidade digital de Maputo participem em experiências com instalações e exposições XR, masterclass, jogos e outros novos meios de comunicação para se envolverem com o público de uma forma interactiva e participativa.

## MGANGA WA KITUI

> Walid Kilonzi (demo)

“Mganga Wa Kitui” investiga a relação intrincada entre feitiçaria e religião africana num contexto contemporâneo. Situada no ambiente vibrante da tribo Akamba, agora uma comunidade metropolitana movimentada, a narrativa explora a colisão entre a modernidade e a magia antiga, conduzindo a uma profunda viagem de auto-descoberta e de renascimento cultural.



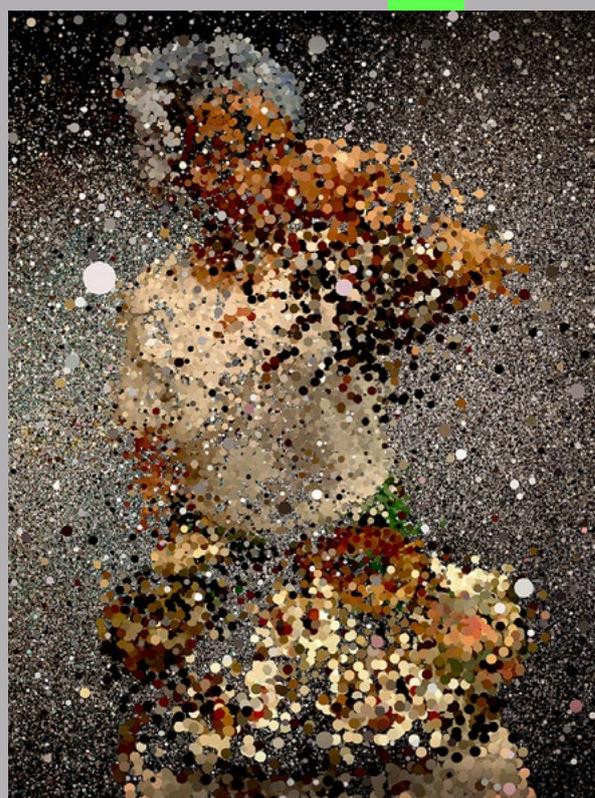
## FERENJ

> Ainslee Alem Robson

Ferenj é um diálogo visual entre a memória, a realidade e o digital, numa paisagem de sonho afrosurreal criada a partir das memórias reconstruídas da realizadora, questionando o significado de casa e de identidade enquanto mestiça etíope-americana que cresceu no meio da dissonância cultural.

O espetador é guiado através de fragmentos do Empress Taytu (o restaurante etíope dos seus pais em Cleveland, OH), para a casa onde cresceu e para as ruas de Adis Abeba, na Etiópia, através de uma conversa especulativa num só sentido entre o narrador e a Empress Taytu – o restaurante personificado como a histórica imperatriz etíope.

A banda sonora é composta por êxitos do Ethio Jazz, bem como por uma gravação original em “krar”. O design de som é composto por sons encontrados, e a paisagem sonora de Adis Abeba interrompe cenas em Cleveland e vice-versa, avançando o conceito de uma casa “pós-espacial” interseccional que atravessa travessias, continentes e consciência.



O arco narrativo desta história é impulsionado pela evolução da compreensão que Robson tem da sua identidade ao longo do tempo. Depois de ser confrontado como “ferrenj”, que significa estrangeiro (branco) em amárico, conseguirá Robson encontrar uma forma de vencer a sua síndrome de impostor racial e abraçar ambos os mundos numa só identidade?



## CONTAINER

> Meghna Singh and Simon Woods

Co-realizado com Meghna Singh. Exibido no 78º Festival Internacional de Cinema de Veneza e no Festival de Tribeca 2022.

Container torna visíveis os corpos “invisibilizados” que permitem a nossa sociedade de consumo. Confrontando a escravidão através de um contentor marítimo em constante transformação, o passado torna-se presente, o invisível torna-se visível. Testemunhamos os cacós da sociedade: os fantasmas do passado e os espectros vivos do mundo moderno.



## BENGA, ALDEIA DO FUTURO

> Pesquisador Adamo Murrombe

Materializar a pesquisa recriando um ambiente (instalação) que expresse o carácter, “espírito” de Benga (local de pesquisa), recriando as fachadas que devem estar expostas de maneira a “encenar” o carácter dos espaços de vida entre os edifícios de Benga.



## OBJECTOS DO INFINITO

> Michel Onésio

Esta exposição marca um novo capítulo na minha viagem artística, onde mergulho para além do visual e entro no reino do não convencional e perturbador. O meu trabalho procura provocar e evocar emoções que desafiam o familiar, oferecendo experiências que perturbam o conforto e convidam à introspecção. Nesta fase, surge a ideia de “infinito” possibilidades infinitas nascidas da entropia da vida,



onde as coisas se desmoronam apenas para serem remontadas de formas novas e inesperadas. Através deste processo caótico, as minhas peças ganham forma, passando da desordem para uma visão estruturada.

No centro desta exploração está a minha reinterpretação de pinturas clássicas das eras renascentista e impressionista. Ao desconstruir estas obras históricas, interajo com a sua essência através da abstração, remodelando as suas narrativas e composições para refletir a minha própria abordagem criativa. Esta exposição é um convite à experiência da transformação do familiar em abstrato, onde cada peça fala do potencial infinito da arte e da natureza ilimitada da criação.



## MIDI MBIRA

> Guillermo de Llera Blanes

O MidiMbira é um hiper-instrumento que foi desenvolvido pelo músico e académico Guillermo de Llera Blanes em colaboração com o fabricante moçambicano de mbira May Mbira, durante cinco anos de trabalho de campo. A criação deste instrumento híbrido acústico/digital tem como objetivo investigar as capacidades de reprodução inerentes aos instrumentos musicais tradicionais a partir do domínio digital e, a partir daí, criar novas vias de expressão que respeitem as capacidades de reprodução e as identidades tradicionais. Assim, enquanto controlador digital capaz de controlar qualquer dispositivo MIDI e interagir com software de controlo de áudio, vídeo e luz, o MidiMbira faz a ponte entre formas ancestrais e novos futurismos.

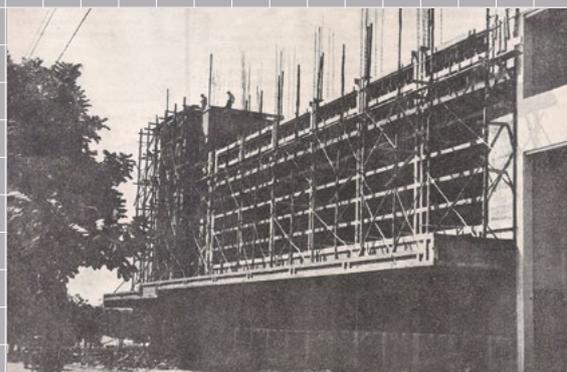


## ESTRUTURAS RESSONANTES

> Bhavisha Panchia, Angêla Ferreira

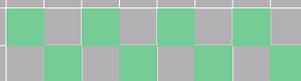
Estruturas ressonantes: montagem, arquivos, som e objectos.

Como é que podemos ouvir um edifício e as histórias, vozes e histórias que ele contém? Com que tipo de voz fala e que tipo de espaço acústico pode criar para o público ouvinte de hoje?



**Estruturas Ressonantes convida os visitantes a explorar a Rádio Moçambique como uma estrutura social, cultural e política significativa no Moçambique colonial e pós-independente. A exposição é desenvolvida em conjunto com a artista Ângela Ferreira, cuja intervenção escultórica destila elementos arquitectónicos do edifício da Rádio Moçambique localizado na Rua da Rádio.**

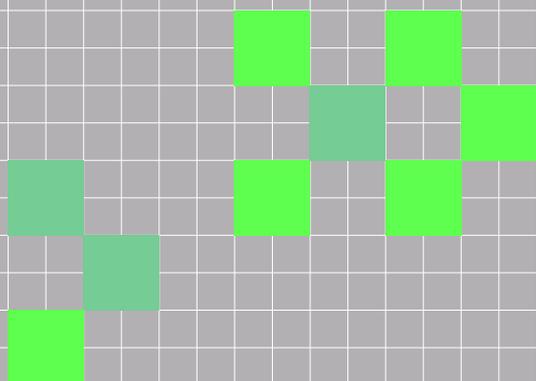
**Envolvendo-se com o conceito de ‘a voz que permanece’, Estruturas Ressonantes oferece uma escuta alargada da Rádio Moçambique, colocando em primeiro plano a estação como um arquivo e um corpo ressonante que guarda legados culturais, políticos e criativos.**



## **Narrativas de Cura**

**> Karinagana wa karingana**

**“Narrativas de Cura: Tecendo as Histórias de Cura de Cabo Delgado” é uma exposição interactiva que explora a forma como a arte e o artesanato servem como veículos poderosos de expressão, resiliência e cura comunitária. Apresentando o trabalho de mulheres de oito comunidades distintas envolvidas no projeto Kuinua, esta exposição celebra a rica herança cultural de Cabo Delgado através de uma coleção de tapetes de palha tecida, têxteis e capulanas. A exposição é uma experiência sensorial que envolve os visitantes através da visão, do som, do cheiro e do sabor, ao mesmo tempo que realça a natureza circular e comunitária da cura.**





## RODAS DE SABERES

As “Rodas de saberes” são espaços concebidos para um envolvimento e uma reflexão mais profundos sobre os temas do festival, oferecendo um formato mais dinâmico, horizontal e interativo.

Conduzidas por um facilitador, ou por um grupo de pessoas que trazem conhecimentos, práticas ou estudos de caso, estes círculos incentivam o diálogo fluido e a troca mútua entre os participantes.

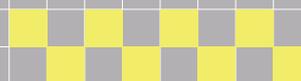
Podem também envolver actividades e materiais de apoio, em sessões que podem durar até duram duas horas. Estas rodas de saberes pretendem também estabelecer uma hiperligação entre pessoas ou iniciativas que partilhem interesses, causas e objectivos semelhantes.

## AESTHESIS DECOLONIAL E A LUTA PELA ALEGRIA DE VIVER

Esta sessão será dedicada à *aesthesis* decolonial. Veremos como a emergência do mundo moderno/colonial, com o seu consumo generalizado da vida dos outros e da vida da Terra, gerou um sistema de conhecimento e de estética que é cúmplice da sua violência. Aqui, a estética não se limita à sua definição nas artes, mas refere-se à forma como a nossa experiência do mundo é regulada através dos nossos sentidos. Aponta para a forma como a ordem dominante se incorpora ao mesmo tempo que é incorporada nos nossos próprios corpos. Com que língua estamos a falar? Com que olhos estamos a ver? De quem são os sonhos que estamos a sonhar? A estética decolonial procura uma desvinculação da estética moderna. Denuncia a perversidade de como, através do governo do nosso sentido, a estética moderna/colonial nos leva a desfrutar do consumo da vida. A desvinculação significa a superação da estética moderna em direção à estética relacional, em direção a outras formas de estar com a Terra e com os outros, em direção à recuperação da alegria de viver.

### FACILITADORES

› Rolando Vásquez Melken



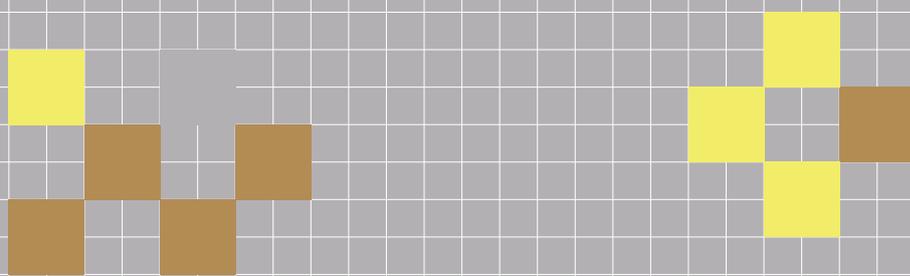
### › RODA DE SABERES

## IMAGINÁRIOS IMERSIVOS

Como parte do festival, um dia de inovação, intitulado “Novas Narrativas”, irá explorar a narração de histórias através de novos media e XR. Permitirá que o público e a comunidade digital de Maputo participem em experiências com instalações e exposições XR, masterclass, jogos e outros novos meios de comunicação para se envolverem com o público de uma forma interactiva e participativa. Este painel irá explorar e contextualizar a forma como as tecnologias imersivas em África e no mundo abrem um novo mundo de transmissão e narração de histórias.

### FACILITADORES

› Walid Kilonzi / Fak`ugesi - Erika Denis / Joy Mawela / Ainslee Alem Robson / Bachaar Tarabay



## RODA DE SABERES

# ECOFEMINISMOS

O pensamento modernista enfatiza a separação e o individualismo - separação do corpo, da emoção, da sabedoria, da criatividade, das habilidades comunitárias, de um mundo vivo e da compreensão complexa do lugar. É antropocêntrico, onde outras formas de vida estão à disposição dos humanos. Uma nova narrativa do universo está emergindo, questionando essas crenças fundamentais. Feministas, assim como comunidades indígenas, têm falado sobre a importância da relacionalidade e do parentesco. E cada vez mais, a Terra está a responder-nos.

Neste círculo de aprendizagem, exploraremos a natureza interconectada das relações dentro das comunidades, dos sistemas naturais e da ética entre tempo e espaço, elementos centrais para compreender o ecofeminismo. O pensamento modernista enfatiza a separação e o individualismo, desconectando corpo, emoções, sabedoria e criatividade da comunidade e do mundo natural. Essa visão é centrada no ser humano, e vê outras formas de vida como recursos a serem explorados. Porém, uma nova narrativa está a surgir, desafiando essas crenças. Feministas e comunidades indígenas destacam a importância das relações e do parentesco, e a Terra está a responder a isso.

Neste círculo de aprendizagem, vamos explorar a interconexão das relações nas comunidades e nos sistemas naturais, além da ética no tempo e no espaço, essenciais para entender o ecofeminismo.

## FACILITADORES

► Eliana Nzulo - WOMIN

WoMin é uma aliança ecofeminista pan-africana que trabalha com organizações de mulheres, camponesas e comunidades afectadas por desenvolvimentos extractivos, apoiando a construção de movimentos e a solidariedade das mulheres.

## RODA DE SABERES

# RECICLAGENS!

Reciclagens é um debate sobre como lidar com o resultado do nosso consumo - o que uns chamam lixo e outros matéria prima. Vamos discutir diferentes estratégias como recycling, upcycling, e downcycling, para inspirar a criação de projectos e negócios dos participantes.

## FACILITADORES

► Tiago Borges Coelho (ALMA) / Reginaldo Nhanombe (ALMA) / Jaime Lima (TOPACK)

## RODA DE SABERES

# INOVAÇÃO PARA PROJECTOS SOCIO-AMBIENTAIS

Neste Círculo de Aprendizagem, partilho como o meu crescimento como mulher caminhou lado a lado com o desenvolvimento da Fundação Khanimambo ao longo de 20 anos. Desde os nossos humildes começos até à transformação atual nos âmbitos social, cultural, ambiental e económico, Khanimambo mostra que o empreendedorismo social e ambiental, unindo educação, permacultura e ecoturismo, pode ser uma via poderosa para o sucesso pessoal e coletivo. Não precisamos de fama ou poder

para alcançar a realização; o verdadeiro sucesso está em cuidar do planeta e das pessoas. Vamos explorar em detalhe o que fazemos e como chegámos até aqui. Junte-se a nós para se inspirar e descobrir como podemos mudar o mundo juntos. Quando olhamos para algo à distância, aquilo que parece pequeno não tem presença, desaparece. Muitos falam em mudar tudo, salvar o planeta, acabar com a fome, acabar com a pobreza... Parece muito grande, demasiado épico, muito distante para ser real. Nós falamos de crianças com os seus próprios nomes, não ideias. Falamos sobre o que vemos, o que fazemos, não o que sonhamos. Num mundo de batalhas assim tão grandes, na Khanimambo apostamos no que parece pequeno. Menos épica, mais factos, mais com os pés na terra. Não precisamos de heróis. Precisamos de pessoas como tu, comprometidas para gerar uma mudança profunda. DIA APÓS DIA, CRIANÇA A CRIANÇA, MUNDO A MUNDO.

#### FACILITADORES

› Fundação Khanimambo / Alexia Vieira / Suely Vasconcelos / Lina Malinda

#### RODA DE SABERES

## DEMOCRACIAS SUBSTANTIYAS

África entrou num novo ciclo histórico. Hoje, o desejo de democracia encarna-se de novo numa variedade de práticas terrestres, em muitos territórios e terceiros lugares, e em várias experiências locais. É preciso mapeá-las, desenhá-las, apoiá-las e, se necessário, modelá-las. Isto não pode ser feito sem uma mudança de grelhas analíticas, uma descolonização geral e um rearmamento de conceitos e categorias, uma vontade de recorrer a conhecimentos endógenos e tradições intelectuais, e um compromisso com uma nova forma de pensar.

#### FACILITADORES

› Innovation Foundation for Democracy

#### RODA DE SABERES

## MISSING BODIES / CORPOS AUSENTES, VÍDEO PERFORMANCE

Como é que um corpo mutilado continua a ser um corpo? Sim, falta-lhe uma parte, mas o corpo continua a ser um corpo. Até onde é que um corpo continua a ser um corpo? Enquanto respirar, o corpo continua a ser um corpo. Continua a ser um corpo social? Nem por isso. O olhar do outro diz silenciosamente "está incompleto. Missing Bodies é uma colaboração com 6 participantes amputados vítimas de minas antipessoal e consistiu na criação de vários vídeos performances.

Participantes: Helena Tevete, Celeste Munguambe, Henriques Duarte, Constantino Ernesto, Antônia Viajem and Costa Antonio. Produção: Perceuse Productions Scènes. Parceiros: CC Connecting Cultures, ADEMO, Donakati, Ampola Audiovisual. Com o apoio de: Swiss Arts Council Pro Helvetia

#### FACILITADORES

› Ivan Barros / Yann Marussich

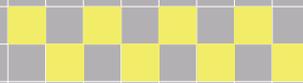
## RODA DE SABERES

### SOB ESCUTÁ: histórias de crate digging

Atiyah Khan (Future Nostalgia) conduzirá uma sessão de audição de uma hora sobre a importância de escavar caixas de música africana, ouvir e descobrir a história através do som. Khalid Shamis (cineasta, editor e DJ) juntar-se-á a nós para uma conversa.

## FACILITADORES

› Atiyah Khan / Khalid Shamis



## RODA DE SABERES:

### ESTRUTURAS RESSONANTES: montagem, arquivos, som e objectos

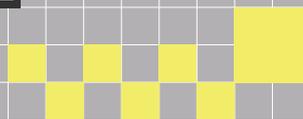
Como é que podemos ouvir um edifício e as histórias, vozes e histórias que ele contém? Com que tipo de voz fala, e que tipo de espaço acústico pode criar para o público ouvinte de hoje?

Envolvendo-se com o conceito de ‘a voz que permanece’, Estruturas Ressonantes oferece uma escuta alargada da Rádio Moçambique, colocando em primeiro plano a estação como um arquivo e um corpo ressonante que guarda legados culturais, políticos e criativos.

A exposição convida os visitantes a explorar a Rádio Moçambique como uma estrutura social, cultural e política significativa no Moçambique colonial e pós-independente. A exposição é desenvolvida em conjunto com a artista Ângela Ferreira, cuja intervenção escultórica destila elementos arquitectónicos do edifício da Rádio Moçambique localizado na Rua da Rádio. A exposição inclui um espaço de escuta com uma seleção de discos e material de arquivo da Rádio Moçambique.

## FACILITADORES

› Bhavisha Panchia / Ângela Ferreira



## RODA DE SABERES

### ENRAIZANDO RELAÇÕES: Redescobrimdo o nosso inter-ser

O filósofo norueguês Arne Næss observou que, enquanto a ecologia estuda extensivamente dados, como o tamanho de um pássaro, sua dieta e hábitos de nidificação, ela falha em fornecer orientações sobre como incorporar esse conhecimento em nossas vidas diárias. Segundo ele, o desafio reside no fato de que a ecologia sozinha não oferece diretrizes para viver à luz dos fatos científicos. Conhecer os detalhes sobre uma espécie, como o robin, é apenas o ponto de partida. Ele argumentou que precisamos de uma abordagem que vá além da ciência. Para Næss, perguntas como “Qual é a minha relação com o robin?” levam à exploração de uma questão mais profunda e complexa: “Como devemos viver no planeta à luz da pesquisa e da nossa compreensão da natureza?”. Esta questão penetra no cerne do que Næss denominou ecologia profunda. A ecologia profunda nos exorta a olhar além dos dados científicos e considerar nossa conexão profunda, emocional e existencial com a natureza.

Hoje, nosso senso de pertencimento e experiência genuína da vida está sendo deteriorado pela economia capitalista moldada pelo Ocidente. Os estilos de vida modernos nos afastam de nós mesmos, uns dos outros e da natureza. Talvez o foco excessivo

nos materiais nos tenha feito esquecer que a economia é construída sobre nossas relações com os outros e com o restante do mundo vivo. Se queremos nos afastar de uma “economia de consumo e crise” para uma economia onde as pessoas e a natureza prosperem, precisamos reformular nossa compreensão de nós mesmos e de nossas relações dentro da economia. Precisamos redescobrir a interconexão entre economia e ecologia, como Achille Mbembe enfatiza frequentemente através da sabedoria das cosmologias africanas. Talvez a partir daqui, uma economia mais profunda possa emergir.

Neste workshop, convidamos você a refletir sobre nosso próprio pertencimento e relações em um tempo em que o familiar se torna menos familiar. É um convite para discutir e sentir quais estilos de vida e valores se alinham com uma compreensão holística de ser um inter-ser. É um convite para abrir nossos corações e mentes para uma maneira mais conectada de nos relacionarmos. Juntos, exploraremos como podemos (re)enraizar relações saudáveis com nós mesmos, a economia e a ecologia. A sessão se inspira em ecologistas profundos como Næss e Rachel Carson, e ressoa com perspectivas indígenas e o pluriverso. A ecologia profunda é melhor descrita através da poesia; portanto, incluiremos elementos poéticos e convidaremos os participantes a trazer um poema ou uma canção. A artista Yara Costa também compartilhará seu processo artístico, explorando ecologia, patrimônio biocultural, tecnologia e arte.

#### FACILITADORES

› Anna Nordahl Carlsen / Yara Costa

#### RODA DE SABERES

## MEDICINA MENTE-CORPO

Da guerra à violência doméstica, das crises de saúde pública às catástrofes climáticas, das doenças crônicas à vulnerabilidade do envelhecimento, do trauma geracional ao racismo sistêmico, o trauma é inevitável. Medicina Corpo-Mente (Mind-Body Medicine) na Cura Coletiva e Transformação Social Da guerra à violência doméstica, das crises de saúde pública às catástrofes climáticas, das doenças crônicas à vulnerabilidade do envelhecimento, do trauma geracional ao racismo sistêmico, o trauma é inevitável. Nesta roda de saberes, exploraremos as práticas de Medicina Corpo-Mente (Mind-Body Medicine) como uma ferramenta de cura individual e coletiva e alívio de trauma, em tempos de crescentes desafios emocionais e físicos, exacerbados pelo modelo de vida moderno e pelas crises sociais e ambientais. Através de técnicas como respiração consciente, o genograma, desenho, movimento corporal e meditação, discutiremos como podemos reconectar corpo e mente para promover saúde e bem-estar, não apenas a nível pessoal, mas também nas comunidades.

A Medicina Corpo-Mente tem raízes em várias tradições, incluindo práticas indígenas e terapias ancestrais em África, que historicamente compreenderam a interconexão entre o corpo, o espírito e a comunidade como uma fonte vital de cura. Também exploraremos o impacto que estas práticas podem ter em contextos de trauma coletivo, como os vividos em situações de conflito, migração forçada ou crises humanitárias. Será um momento de diálogo aberto, onde todos são convidados a partilhar saberes, experiências e a co-criar estratégias de bem-estar e cura que ressoem com as realidades locais e globais. De acordo com um relatório de 2017, 70% dos adultos inquiridos em 24 países declararam ter sofrido um acontecimento traumático durante a sua vida. Desde então, a pandemia de coronavírus não deixou nenhuma comunidade intocada pelo trauma e pelo stress. O trauma pode aumentar o sofrimento mental, as doenças cardiovasculares, a diabetes, as doenças inflamatórias e outras doenças crônicas. Afecta negativamente a nossa saúde, as nossas relações, a nossa vida profissional, a nossa vida doméstica e as comunidades em

que vivemos. Ajudamos as comunidades a criar e a implementar intervenções de saúde pública baseadas em provas, inclusivas, acessíveis, económicas e sustentáveis para aliviar o trauma e desenvolver a resiliência.

#### FACILITADORES

► Anyieth d`Awol

#### RODA DE SABERES

## BENGA, ALDEIA DO FUTURO, PESQUISA MFF

Uma roda de conversa, onde vai apresentar-se Moçambique um país novo, que teve a sua independência a apenas 49 anos atrás, e que desde então vive sobre a pressão geopolítica das culturas globalizantes. Estas culturas “globalizantes” têm cada vez mais se mostrado insustentáveis, sobretudo por causa da crise ecológica dos últimos tempos. Visto que os valores do Ocidente têm cada vez mais se mostrado disfuncionais, tornou-se importante olhar para nós próprios e observar as culturas locais (tradicionais), se não contém nelas soluções que podem ajudar a mitigar a crise global? A pressão da globalização pela presença das Multinacionais (de exploração de carvão), remete às aldeias aldeia próximas a de forma orgânica, ter que tomar decisões que talvez nós deveríamos ter nos dados tempo de questionar. Quais são os valores locais (tradicionais) que seriam importantes de se manter e quais são aqueles que poderiam ser substituídos pelos valores mais globais. Este contexto paradoxal entre o tradicional e o moderno faz da Aldeia de Benga uma espécie de “aldeia do futuro” onde casas feitas de argila tem energia eléctrica, e os postes de luz, iluminam ruas onde animais (cabritos, bois, burros, etc.) partilham o espaço com pessoas e a música, a dança, o cinema, as artes, o desporto, a religião, movem-se dentro de dinâmicas próprias. Quase todas as tendências globais, têm aqui um sabor local. Este contexto quase surreal poderia ser a fonte criativa (inspiradora) de uma possível solução para uma cidade do futuro. Onde animais, machambas, tecnologia, artes e etc. coabitam em harmonia. Propondo uma solução as crises ecológicas que vivemos hoje.

#### FACILITADORES

► Adamo Morrube / Jose Langa / Severino Ngoenha / Maria dos Anjos Rosário

#### RODA DE SABERES

## REWILDING MOÇAMBIQUE:

### À Conservação é a nova fronteira do Desenvolvimento?

A KAMBAKU é uma plataforma de notícias do mundo natural que tem como objetivo informar, debater e analisar temas relacionados com a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável focado em Moçambique, mas com um olhar abrangente para África, para a Lusofonia e para o Mundo.

Debate e Q&A sobre a importância da conservação de base comunitária e projeção do filme “The Rhino Man” 96mn

#### FACILITADORES

► Ricardo Costa Pereira - Kambaku

## PERFORMANCES

### NEW KIDS 2.0

Resultado da residência da Academia MFF, New Kids é o segundo grupo a criar um espetáculo. O casting interdisciplinar deste ano reuniu 10 jovens talentosos, 5 artistas e 5 perfis técnicos, que foram orientados por uma equipa de mentores para criar um espetáculo inovador:

**Título da peça: Corpo de Corpos**

Inspirado pela evolução humana, desde o conceito Antropoceno, um conceito útil para explicar as ameaças ambientais induzidas pela humanidade desde a Revolução Industrial até aos nossos tempos, "Corpo de Corpos" inventou outros conceitos pensando em novas evoluções influenciadas pelo rápido desenvolvimento da tecnologia. A partir desta inspiração, surgem personagens imaginários que desenvolvem uma história e narrativa ficção de dois mundos, mundo de seres humanos e seres híbridos deslocados num tempo futuro e com urgências distintas. Apesar de conflitos de valores, ambos procuram sobrevivência e equilíbrio.

### INCOMATE RIVER (live session)

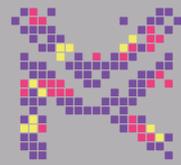
Incomate River nasce da sinergia nascida entre o May Mbira, Mestre Mbireiro de Moçambique e artista de Live-Looping de voz e instrumentos tradicionais em contexto eletrónico, e Guillermo de Llera Blanes, académico, artista e multi-instrumentalista mais conhecido por ser membro fundador e compositor dos Primitive Reason de Portugal. Aos dois líderes do grupo junta-se o construtor, investigador e tocador de instrumentos tradicionais: o mestre Maneto Tenfula. O projeto levará ao palco música improvisada sobre uma base de gravações de instrumentos tradicionais de Moçambique, tocando instrumentos - incluindo um instrumento construído por eles mesmos; a MidiMbira -, e misturando a música ao vivo em loopstations e controladores digitais.

### MFF BAZAAR

O MFF Bazaar é um espaço de apresentação de propostas concretas, inovadoras e criativas. Os participantes partilham uma vontade comum de repensar a inovação e de quebrar os limites da imaginação em direção a formas de vida mais equilibradas, através do design, da publicação, da reciclagem e de outros meios.

#### **Participantes**

> Observatório do Meio Rural / Justiça Ambiental / Tshimologong / XR Global / Baaiké • BioMec / Vision Hope 0.2 / ALMA / YOPILALA / Eco`Band / AR/VR Africa Lab Maputo / Yao Crochet /



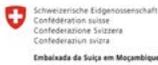
# Maputo Fast Forward

**MFF\_FESTIVAL\_24**

Uma iniciativa da

**16  
NETO**  
*Culture & Cultural Space*

### Patrocinadores



### Parceiros



[www.maputofasforward.com](http://www.maputofasforward.com)

[hello@maputofasforward.com](mailto:hello@maputofasforward.com)